

# Entre jornais e confidências: práticas da amizade no interior do Ceará, no final do século XIX

## Between newspapers and confidences: practices of friendship in the interior of Ceara State, at the end of the 19th century

**Edinailson Passos**

Mestrando do Programa de Pós Graduação em História, Culturas e Espacialidades (PPGHCE).

**Gleudson Passos Cardoso**

Professor do Curso de História e do Programa de Pós Graduação em História, Culturas e Espacialidades (PPGHCE) da UECE.

**Resumo:** Este trabalho analisa as práticas de amizade vivenciadas na sociabilidade entre três letrados que viveram na cidade de Granja, sertão norte do Ceará, na última década do século XIX. Busca-se alcançar o mundo privado das emoções expressas em suas produções letradas, inclusive naquelas expostas na imprensa local, em que atuavam. Na tentativa de mapear as materialidades do escrito, aparecem discursos em torno da imagem de homem letrado idealizado por eles, cortês, provedor e próspero, que era construída em busca da ascensão social desejada pelo grupo.

**Palavras-chave:** Amizade. Sociabilidades. Práticas Letradas. Imprensa.

**Abstract:** This paper analyzes the friendship's practices experienced in the sociability among three literati who lived in Granja village, in north sertão of Ceará, in the last decade of the 19th century. It aims to reach the private world of the emotions expressed in their literate productions, including those exposed in the local press, in which they worked. In an attempt to map the materialities of writing, discourses appear around the image of a literate man idealized by them, courteous, provider and prosperous, which was built in search of the social ascension desired by the group.

**Keywords:** Friendship. Sociabilities. Literate Practices. Press.

### Introdução

A dedicatória do único livro do poeta cearense Lívio Barreto, *Dolentes* (1897), é um oferecimento a seus pais, aos irmãos, à Padaria Espiritual (1892-1898)<sup>1</sup> e especificado, nominalmente, a Antônio Raulino e Luiz Felipe de Oliveira, os quais o autor distingue completando “amigos de dia e hora”.

1. A *Padaria Espiritual* foi uma singular agremiação literária do Ceará, funcionando em Fortaleza, publicou diversos livros, entre eles a obra de Lívio Barreto, após a sua morte, em 1897. O volume foi organizado ainda em vida pelo poeta, a dedicatória à Padaria é um agradecimento ao patronato.

Um pequeno gesto, a lembrança exclusiva aos dois, talvez consiga passar despercebida por um leitor comum, mas para o trabalho do historiador tem um valor documental, indicando contatos e trocas sociais existentes entre aqueles agentes do passado.

As dedicatórias são tratadas como atos de linguagem que extrapolam a função comunicativa e conectam-se às intenções dos sujeitos de atribuir autoridade ao que escrevem, de produzir sensibilidades em seus interlocutores e, assim, criar fronteiras simbólicas de integração pessoal e afetiva. (CUNHA, 2020: 5)

No caso, a ação de Lívio Barreto é a porta de entrada que explica uma rede de sociabilidade (SIRINELLI, 2003: 252-253) e sensibilidades<sup>2</sup> em que o poeta estava inserido, aponta sentimentos e afeições, ao menos nos momentos em que organizava seu livro. A partir desse elemento extratextual da obra, a metodologia da presente pesquisa vai se desenrolando em busca das conexões de amizade existentes entre esses três homens, que estiveram envolvidos na produção de jornais, práticas letradas<sup>3</sup> e sociabilidades da cultura letrada<sup>4</sup>, vivenciadas no município de Granja na última década do século XIX.

A intenção aqui é discutir as experiências de amizade, em especial aquelas demonstradas através da produção escrita<sup>5</sup>. Além disso, pelo caminho da pesquisa, outras imagens fabricadas por esses sujeitos vão se apresentando, especialmente a de agentes letrados na sociedade em que viveram. Tenciona-se perceber como a produção artística, muitas vezes publicada, revela a relação de afetos existente no grupo, as sociabilidades que sustentavam e foram sustentadas por essas escrituras, assim como discursos, oriundos dos novos padrões de comportamento social, compartilhados por esses sujeitos históricos e amplamente difundidos pela imprensa à época, em torno dos ideais de civilização e progresso.

A amizade é um fenômeno social, configura-se e se modifica no tempo e no espaço. Na reconstituição histórico-filosófica realizada por Francisco Ortega, em *Genealogias da Amizade*

2. Entende-se aqui que as sensibilidades se configuram como método de análise histórica. O estudo no campo das sensibilidades pretende reconstituir, através de marcas de historicidades, como agentes do passado pensavam e sentiam o mundo, incluindo aspectos sensíveis, afetivos, sensoriais em contexto cultural e temporal específico. Ver: PESAVENTO, S. J. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique. (Org.). *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

3. As práticas letradas são as realizações cotidianas em prol do letramento, como a difusão das ideias e visões de mundo e de sociedade através da leitura em gabinetes e círculos de leitores; da impressão e circulação dos textos em materiais diversos e da promoção de saraus e debates nas associações e grêmios literários, científicos e filosóficos, com a produção intelectual ordinária, ritualizando o saber letrado. ver CARDOSO, Gleudson. **Práticas letradas e a construção do mito civilizador: “Luzes”, seca e abolicionismo em Fortaleza (1873-1904)**. Fortaleza: Museu do Ceará/SECULT, 2016.

4. A definição de cultura letrada equivale à cultura escrita. Aqui, entende-se que está para além de “[...] um conjunto muito variável de habilidades na manipulação de textos” (WOOLF; BOWMAN, 1998), pois, traz múltiplos sentidos para este recorte da análise sobre cultura. Sua dinâmica não se restringe ao escrito, mas, nas possibilidades de conceber, usar, manusear e apreender a escrita: autores, leitores, tipógrafos, bibliotecas, gabinetes de leitura, cafés, quiosques, jornais, revistas, rodas de conversa etc. Cultura letrada/ cultura escrita transcende o próprio texto. Um escrito carrega em si mais do que o autor manipula, a sociedade o modela. Tal perspectiva traz uma noção de exclusividade do autor, como se o produtor, ou como inferido, o “manipulador”, fosse o único vetor da dinâmica da cultura escrita. Ver também: CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar – cultura, escrita e literatura**. São Paulo: UNESP, 2007.

5. Os textos apresentados neste trabalho foram transcritos obedecendo os originais, preservando a pontuação, expressões e a grafia do seu período de escrita

(2002), o filósofo demonstra como o sentido dessa prática mudou no decorrer do tempo. Na modernidade, inclusive, essas relações teriam se distanciado da vida pública e começado a pertencer à intimidade, a partir do século aqui estudado, o XIX. Esse caráter íntimo leva o historiador a preferir as memórias, os diários, as cartas e outros documentos de foro particular para analisar essas práticas, assim como fez Anne Vincent-Buffault, em *Da Amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX* (1994). Na obra a historiadora reflete sobre o ato privado de escrever confrontando-o com discursos públicos.

A amizade é alegria suplementar, local do exercício das sensibilidades, marca de uma eleição, não é uma instituição. Ela estabelece rede de influências, inventa lugares de convivência e laços de resistência enquanto se multiplicam para a maioria as oportunidades de encontros e interações. (1994: 9).

O presente artigo encontra nos textos impressos uma possibilidade de estudo, que, além de possuir rastros da amizade entre os três letrados, em relação aos seus ideais de mundo e sociedade compartilhados, possibilita vislumbrar o que os contemporâneos daqueles sujeitos poderiam saber sobre eles, as brechas da relação íntima que esses agentes deixavam vir a público, seja no livro ou na imprensa produzida por eles.

Esta abordagem é possível graças ao surgimento de algumas manifestações da cultura letrada na cidade de Granja no final daquele século. Associações voltadas para promoção da leitura, da instrução e “civilização”; sociedades dramáticas; jornais, impulsionados principalmente por remodelações do espaço urbano, no comércio da província e um avanço tecnológico, que envolvia a implantação da estrada de ferro, do telégrafo e um aumento de fluxo no porto de Camocim, cidade vizinha ligada pela ferrovia.

Entre as cidades localizadas ao longo da via férrea, Granja desempenhava papel estratégico no traçado da região norte, constituía-se em um dos principais entrepostos na circulação de mercadorias, ao contar com a presença de importantes firmas comerciais. (BARBOSA; LIMA. 2008: 46).

Por navios e pelo trem os impressos circulavam com mais rapidez e contribuíam para o florescimento da cultura letrada de toda a região, a qual Granja servia como centro irradiador.

No processo, também se reordenou as vidas dos sujeitos, incentivando novas formas de sociabilidades e práticas letradas. É nesse contexto que empregados do comércio e do serviço público, ocupações dos agentes aqui estudados, vão se tornar protagonistas da incipiente imprensa local e encontrarão nela oportunidade de ascensão social, desejo que perpassa não só as relações de amizades como de outras relações cotidianas.

### **Espaços de sociabilidade e confidências**

Na tentativa de entender como e quando a relação entre os três amigos começou, é plausível observar a possibilidade do encontro entre Lívio Barreto e Luiz Felipe ter se estabelecido na escola do Gabinete de Leitura (1880-1882), onde Lívio certamente estudou. A escola fazia parte de um conjunto de ações beneficentes voltadas à instrução pública, que atendia o perfil dos dois

meninos: pobres que trabalhavam no comércio. Não há documentos indicando que Luiz Felipe tenha frequentado a escola, mas ao se levar em consideração sua idade escolar e o fato da atividade jornalística na Granja se desenvolver, em grande medida, dentro da rede de sociabilidade dos ex-alunos da instituição, a escola pode ter sido o espaço do primeiro contato entre os dois.

Lívio Barreto (1870-1895), filho de pequenos proprietários rurais, nasceu no interior do município de Granja, e migrou com a família para a cidade durante a Grande Seca de 1877-79. Com poucos recursos financeiros e logo depois órfão de pai, o menino foi trabalhar como caixeiro no comércio, ofício que detestava e tentou se desvencilhar a vida toda. Já Luiz Felipe de Oliveira (1866-1925), criado apenas por sua mãe, chegou ainda menino à Granja, vindo da cidade de Sobral, onde nasceu. Trabalhou como caixeiro na firma Carvalho Motta, deixando-a em 1885 para fundar sua própria casa comercial, ao contrário de Lívio, demonstrou aptidão para os negócios. Assim, caso não se possa determinar a escola como espaço de contato entre eles, certamente os balcões do comércio o foram. Em relação ao terceiro amigo, Antonio Raulino (1872-?), o mais jovem entre eles, pouco se sabe a seu respeito, apenas que era granjense, “artista”, não se empregou no comércio, mas trabalhou na Câmara Municipal no final do período monárquico junto de Luiz Felipe. Raulino desapareceu das narrativas da história local depois de ter migrado para o Amazonas no começo do século XX. Dele ficaram os registros da produção escrita e a memória da sua participação em jornais, que é de fato a importante ligação entre os três.

Fora a escola e o trabalho, outro espaço público de sociabilidade, onde se estreitavam as relações aqui estudadas, era o rio. O banho no rio *Camocim* (atual *Coreaú*) era uma prática de lazer e promoção da interação masculina na Granja. Espaço de camaradagem, prazer e brincadeiras, que começavam ainda no caminho, como registou Lívio Barreto:

Os Cajueiros

A longos haustos sorvo o aroma dos cajueiros.

Quando menino aí passei dias inteiros

Nesta quinta a brincar. Que júbilo! que gosto!

[...]

Levanta-me cedo, ia ao banho e ao passar

Levava-os para o rio onde ia me banhar.

Manhãzinha. Passava um vento fresco e bando

De leve, a água parada aos poucos arpejiando

Numa carícia terna, um murmurinho vago.

[...]

Aos domingos então depois do meio-dia

Era melhor o bródio e maior a folia:

Largava-me de casa e mais dois companheiros

[...] (BARRETO, 2009: 165-166)

O local do banho era um espaço demarcado, com o nome “Poço dos Homens”, excluía tacitamente o feminino. Com a construção da Barragem Lima Brandão, em 1889, as interações naquele espaço se consolidaram como importantes práticas de sociabilidades urbanas. Um jornal da cidade de Sobral descreveu no começo do século XX um domingo pacato dos granjenses

como “banhos de manhã na barragem Lima Brandão; missa conventual às 9; almoço às 10 e nada mais” (ELEIÇÕES, 18 mai. 1912: 2).

Para os três amigos, alguns domingos também eram preenchidos pela distribuição de seus jornais, quando com muita dificuldade conseguiam levar os escritos ao prelo. Além dos espaços públicos de sociabilidades masculinas, aqui apresentados, serão especialmente os espaços envolvendo a cultura letrada, os jornais e outros, que se buscará as trajetórias das relações entre eles.

Luiz Felipe possuía um caderno particular que dava aos amigos próximos para escreverem nele, registrando relatos amistosos e sentimentais do seu círculo privado. Chamado por eles de “álbum”, o documento era conhecido também como “álbum de moça”, aparentemente comum entre os jovens do século XIX e começo do XX, tendo inclusive outros amigos fora do trio que possuíam um similar, como fazem referência. Intitulado de *5 de fevereiro de 1890 - Nunca mais*<sup>6</sup>, o manuscrito possui textos com datas entre 1888 a 1892, em 52 páginas preenchidas com depoimentos de carinho destinados ao dono, textos transcritos de livros e jornais, florilégios de pensadores famosos e poemas inéditos.

Uma fonte privilegiada. A escrita naquele material era a preservação da história do outro, de si mesmo e principalmente da relação existente entre eles, testemunho dos afetos, dedicação e apreço. O conteúdo do álbum se difere, é claro, dos escritos com propósito de se tornarem públicos, como os poemas e textos que iam para os jornais produzidos por eles. Os termos, a ética, os gestos expressos neste documento são propostos para um ambiente mais íntimo. Não tão privado como as cartas pessoais poderiam sugerir, pois o caderno passava por muitas mãos, e poderia ser lido por outras pessoas, mas assim mesmo com um grau de confiança maior entre eles.

O álbum é marcado por tom familiar e íntimo, incluindo espaço para arroubos sentimentais, como visto no texto de um tal Mariano Grijalba, um amigo recente de Luiz Felipe, que não fazia parte do circuito granjense, mas demonstra com muita fisicalidade o primeiro contato entre os dois, “não sei por que abri-lhe os braços e apertamo-nos mutualmente, sintindo nessa ocasião uma sensação de gozo indizível e notando que em seu peito espelhava-se a alegria”<sup>7</sup>.

Ali era espaço de revelações e agradecimentos. Lívio Barreto, considerado sisudo e fechado pelos mais próximos, em texto assinado a 1º de maio de 1888, registrou gratidão ao amigo Luiz Felipe de forma afetiva e des preocupada como não era de seu costume.

Um dia em que senti necessidade de apoio, precisão de arrimo; um dia em que senti o espírito desfalecer e a alma recolher-se pávida aos embates, as marteladas surdas de sacarmos de empréstimo e ironias de conveniências; procurei, tu o sabes, alguém que me compreendesse e achei um amigo dedicado e franco. Eras tu, Luiz!<sup>8</sup>

Um caderno de recordações é um espaço da escrita de si, como se categoriza, analisar este registro é perceber que “através desses tipos de práticas culturais, o indivíduo moderno está constituindo uma identidade para si através de seus documentos, cujo sentido passa a

6. Acervo do Instituto José Xavier (IJX), Granja-Ceará.

7. Texto escrito por Mariano Grijalba a Luiz Felipe, datado em 1º de maio de 1888.

8. Texto escrito por Lívio Barreto a Luiz Felipe, data em 1º de maio de 1888.

ser alargado” (GOMES, 2004:11). Logo, mesmo que haja um grau de intimidade incutido no documento, não se ignora que esses homens tenham buscado um controle das emoções e dos sentimentos, até mesmo evitado o transbordamento de certos afetos, bem como a preocupação com a conduta social, das posições e prestígios. “Entre as várias regras de controle sociais e discursivas, destacam-se aquelas que partem do próprio indivíduo, em outros termos, a exigência do domínio de si que o leva a lançar mão de máscaras” (IONTA, 2004: 94).

A prática da amizade, como outras relações sociais, é regulamentada e normatizada pelas representações de gênero, que moldam homens e mulheres, ditando a eles como se comportar socialmente. No caderno, a ausência de registros sobre amizades entre homens e mulheres demonstram tais regras de comportamentos, as demonstrações de amizade com o sexo oposto, no final do século XIX e numa sociedade rural, não era admitida dentro dos padrões de moralidade. Em relação às mulheres, suas sociabilidades eram limitadas e gravitavam em torno do eixo familiar e religioso.

A sexualidade define e delimita a amizade, além da reprovação da aproximação entre homens e mulheres, na segunda metade do século XIX, “a criação da categoria de ‘homossexualidade’ por um saber médico derivará numa desconfiança e receio ante as relações de amizade íntima, as quais estarão, doravante, sob a ameaça do desvio” (ORTEGA, 2002: 144). A sexualização da amizade era um fenômeno recente, mesmo assim é possível dizer que estava presente no vínculo amical da escrita desses homens. A preocupação com os efeitos da aparência na sexualização da relação, na demonstração de perversão ou naquela nova classificação do sujeito podem ter levado a um maior controle dos sentimentos e afetos nos textos.

Há uma promoção de uma ideia viril de amizade no caderno, a partir de um momento, as folhas são preenchidas por relatos de confidências amorosas e sobre o sexo oposto, que cria um contexto de camaradagem e cumplicidade. O próprio Luiz Felipe transcreveu um relato amoroso de sua autoria, escrito em outro álbum para o amigo Angelino Bevilaqua, demonstrando a prática comum dessa interação.

Entre Lívio, Antônio e Luiz as confidências amorosas tomaram conta de boa parte das páginas, narrativas e poemas trocados com o dono do caderno e vice-versa, expressando amor, flertes com riqueza de detalhes, revelações que reverberam homens atentos às regras de recrutamento amoroso, mas também das desilusões, frustrações, tristezas, temas que levarão às produções literárias, que por sua vez chegarão aos impressos para apreciação de um público maior, mas, claramente, com mais arte e menos exposição.

### **Amizades publicáveis**

As confissões e os relatos de aventuras amorosas ditas a um amigo vão aparecer, também, representadas nas produções literárias do trio, como no poema “Confidências”, dedicado a Antonio Raulino e publicado no livro de Lívio Barreto, datado em fevereiro de 1893. Como o próprio título sugere, o tom é de uma conversa reveladora, emulando a prática de amizade íntima encontrada no álbum. O eu-lírico divide, com um confidente fiel, o relato de uma desilusão, “não viste quando, trêmulo e contrito/Eu te contava esse poema, irmão,/Não viste que era de



minh'alma o grito,/E que era o grito de meu coração?" (BARRETO, 2009: 58). Esta composição literária é moldada no ato de contar um segredo, em um momento se reclama a atenção do ouvinte energeticamente com um "Amigo!". No trecho supracitado, a aproximação entres os interlocutores é demarcada com a expressão "irmão", um exemplo do tradicional discurso filosófico ocidental sobre a amizade, em que chamar de "irmão" significa atribuir mais valor do que chamar de "amigo" (IONTA, 2004: 161).

Essas metáforas de parentesco são empregadas no tratar sobre a amizade porque as relações familiares eram tidas como a forma de sociabilidade mais importante no oitocentista. Nos textos e poemas encontrados nos exemplares que restaram dos jornais produzidos pelo grupo, são especialmente as representações de intimidade com a vida familiar do amigo as mais celebradas.

Como dito anteriormente, em seus primeiros anos, a imprensa granjense foi engatada graças a uma rede de sociabilidades intelectual de uma mesma geração. Uma imprensa precária tecnologicamente, com jornais muitas vezes impressos em outra cidade e distribuídos em Granja, com redações reduzidas, pequenas tiragens, para um público restrito em um universo grande de analfabetos, mas que não deixava de possuir articulação com a vida social tal qual grandes jornais<sup>9</sup>.

Com efêmera duração, depois do primeiro jornal da cidade, *Granjense* (1880-1881), surgiram nas duas últimas décadas do século XIX, nove títulos. Os três amigos orbitavam a rede de sociabilidade que produziam esses jornais, colaboraram em algumas dessas folhas e estiveram juntos em pelo menos três delas, *Iracema* (1887), *A Luz* (1892) e *A Reforma* (1894).

A autodenominada imprensa literária da Granja, possuía como conteúdo básico espaço para poesias, charadas e passatempos; notícias sobre o desenvolvimento moral e material da cidade; anúncios e comunicações de visitantes que chegavam pelo porto e ferrovia, viagens de "amigos" do órgão; aniversários, nascimento e morte de moradores da comunidade. Ler seus cotidianos impressos naquelas páginas parecia criar no granjense a sensação de identificação e familiaridade. Assim como quem escrevia conhecia bem e até pessoalmente o seu leitor, a relação existente era estreita.

O estudo dessas publicações possibilita vislumbrar as novas sociabilidades que se desenvolveram naquele espaço urbano e que não poderiam ser vistas nos jornais diários de maior porte (CRUZ, 2013: 76). Documentos que permitem perceber as vivências no interior do Ceará, em especial a prática da amizade entre aqueles jovens.

O jornal *A Luz* era um domingueiro que tinha como subtítulo "periodico litterario e noticiozo", seu gerente era Antônio Raulino e contava com Luiz Felipe e Lívio Barreto como colaboradores, entre outros. No número 6, em uma secção denominada "Chroniqueta", um dito Guilherme Lins diz não saber como explicar o que sente e o que ainda ia sentir, descrevendo um confuso sentimento que nem era saudade e nem mágoa, vindo da sensação de

[...] quando temos um amigo que vai nos deixar sem sair de onde estamos, que separar-se de nós, não pela distancia, não pondo de permeio o oceano [...] mas a gravidade de uma nova posição, de uma nova vida, de um novo meio onde vai viver e que sendo o mesmo em que vivemos, deixa-nos meio atrapalhados assim como quem vendo uma porta aberta e um convite não se atreve a entrar e

9.Sobre trabalhar com esse tipo de imprensa, ver CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890-1915*. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013.

fica alli na soleira, - com desejo e com receio...

- No dia 25 deste caza-se o meu amigo, o meu velho camarada Luiz Fellippe de Oliveira. Eis ahi cortado o nó-gordeio da questão (LINS, 24 jan. 1892: 2-3).

Completa o texto explicando que não estava triste, fazia votos de que a relação fosse duradoura, tal qual a amizade entre os dois, mas se sentia como quem perdia um camarada ao mesmo tempo que estava feliz pelo amigo ir desfrutar da vida de chefe de família.

A crônica deveria traduzir o sentimento coletivo da redação do órgão, no caso a sensação mista de quando um deles se casava. Por um lado, era um movimento esperado e desejado para o sujeito que buscava mobilidade social; por outro, significava perdê-lo do convívio com o grupo. As convenções sociais dificultavam a presença do amigo entre os solteiros e até na própria redação do jornal. Além disso, a esfera doméstica demandava atenção e tempo, já que “a família consegue tornar-se o pivô fundamental das relações de sociabilidade e afetividade no século XIX” (ORTEGA, 2002: 141).

Para Tianguá, informa uma nota no mesmo número d’*A Luz*, partiram no dia 21, os amigos Luiz Felipe, Antonio Raulino, Lívio Barreto e outros colegas em uma viagem<sup>10</sup>, sem revelar o motivo, mas que o pequeno círculo de leitores sabia muito bem se tratar da ida ao casamento de um deles, com uma jovem daquela cidade. Era o início da vida adulta masculina, a geração de amigos estava ultrapassando uma fronteira. Luiz tinha uma colocação profissional melhor, deixou de ser caixeiro e abriu uma firma comercial, casava-se, portanto, o provedor da sua própria família.

Em 1893, Luiz Felipe se torna pai, nascia seu primogênito, Olavo (1893-1966). O nascimento da criança foi celebrado entre os amigos, que fizeram poemas festejando o acontecido. No jornal *A Reforma*<sup>11</sup>, onde os três voltaram a colaborar, Antonio Raulino publicou *O Choro do Olavo*, um ano depois. Na poesia o autor demonstra o carinho e intimidade que tinha com o amigo descrevendo um encantado contato com o filho daquele, usando uma linguagem afetiva e bem-humorada:

O Choro do Olavo  
(Ao Luiz)

Olha, Luiz, que engraçado  
É o Olavo chorando agora,  
Emquanto perolas chora  
Esfrega as pernas zangado.

E o que acho original  
N’aquelle pranto innocente  
É ficar-lhe o roato algente  
N’um contraste, desigual!

Olha-o, os labios contrahindo  
E os olhos quasi fechando...

10. O poema “De Viagem”, datado no mesmo ano de 1892, descreve uma viagem a cavalo por uma estrada sinuosa, tal qual a viagem de Granja a Tianguá, é o outro poema dedicado a Luiz Felipe existente no livro *Dolentes*.

11. Título que substituiu o *Jornal da Granja*, com primeiro número em 16 de maio de 1894 (STUART, 1924: 110)



(Que pulha!) O Olavo chorando  
Parece um velho se rindo. (RAULINO, 20 mai. 1894: 2)

Lívio Barreto, por sua vez, produziu *O sono de Olavo*, publicado talvez em algum jornal do grupo, e que entrou na seleção do seu livro *Dolentes*, um poema que não dialoga com o restante da coletânea. Datado no mês e ano em que a criança nasceu, junho de 1893, a poesia é maior que a de Raulino, com três estrofes a mais, apresentando uma cena parecida, o amigo se admirando do recém-nascido. Nela é apresentado ao público um pai maleável, encantado, completo com seu filho:

[...]  
Eis tudo feliz, enfim!  
Ei-lo desperto, feliz,  
A rir como um querubim.  
Eis tudo feliz, enfim  
E eis-te pateta, Luís! (BARRETO, 1897: 114)

As declarações de intimidade, expostas nos poemas e tornadas públicas, deixam transparecer sociabilidades construídas na esfera da vida privada desses sujeitos.

No entanto, o tema da amizade “tratado nas conversas e nas publicações, dá ensejo a exhibir espetáculo da moralidade do espaço público literário” (VINCENT-BUFFAULT, 1996: 80). No que é impresso estão os limites da intimidade publicável existente entre eles, assim como a representação do homem cortês, provedor e próspero que era motivo de conquista e construção no século XIX (MORGA, 2013: 222).

Não é exagero sugerir que esses empregados do comércio e funcionários públicos buscaram, na criação poética e ficcional, o prestígio definitivo que só a literatura poderia lhes proporcionar (SEVCENKO, 1989: 226). Dentro de uma rede de conexões, esses sujeitos reforçaram laços sociais, afetivos e compartilharam suas experiências de vida, também projetaram coletivamente suas inspirações intelectuais, bem como construíram e expuseram identidades.

## O não amigo

As dedicatórias, os poemas e relatos pessoais impressos nos jornais demonstravam o grau de aproximação que aqueles agentes queriam apresentar publicamente. O contrário também ocorria. A inimizade era exposta ainda com mais veemência. As páginas dos jornais eram espaço para insultos, calúnias e difamação, visto na imprensa do império brasileiro no século XIX<sup>12</sup>, até mesmo na incipiente e frágil imprensa granjense. Apesar de naquele momento não ser de cunho político-partidário, tipo de imprensa em que se dava a maioria dos conflitos impressos, os jornais literários da Granja também exibiam de vez em quando espetáculos de hostilidades.

O fim da folha *A Luz* é atribuído a uma briga envolvendo o seu gerente, Antônio Raulino, e um cofundador do jornal, Felino da Silveira. Este lançou com outros dissidentes *O Batel* (1892), jornal

12. Sobre esse aspecto, ver LUSTOSA. Isabel. *Insultos Impressos: a guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

que tinha seus primeiros números voltados a verbalizar a rachadura entre os dois grupos, “temos convicção de que Raulino é completamente analfabeto e é apenas um simples signatario que assume a responsabilidade de artigos” (O BATEL, 24 jan. 1892: 2), dizia um dos textos, atacando o ex-colega de redação em um dos pontos fracos do homem de letras, a capacidade intelectual.

Ao redor do letrado a cidade transformava-se em urbanidade, emoção e sedução, a escolha do círculo de amizade significava a escolha de um percurso, a escolha da maneira como seria visto publicamente. As ligações sociais e as demonstrações públicas ajudavam a criar uma imagem almejada, de um homem urbanizado, letrado e burguês, que conquistava espaço crescente pelo país (SANT’ANNA, 2013: 247). Para os literatos, a nova masculinidade era demonstrada com polidez, provinda de uma boa formação intelectual e cultural. Diferente da geração passada, os novos homens seriam escolarizados, inseridos na cultura letrada e moldado por ideais de civilidade, pois:

Decifrar os códigos e dominar as etiquetas era a única oportunidade para o homem mensurar e distinguir as práticas de afetividade e de sociabilidade. O itinerário das condutas em constante mutação sugeria entender como elas tomavam sentidos nos jogos interpessoais numa sociedade de interpretação e de constantes experimentações. (MORGA, 2013: 222)

Em um poema publicado no jornal da capital cearense, *A República*, em 1894, Antônio Raulino exemplifica o perfil de homem que não se deveria associar na pequena cidade, um agressor que o atacava através da escrita e definitivamente o tipo que não seria seu amigo.

Granja  
Á QUEM COMPETE

[inelegível] a yra aguda, picante  
ferina, cruel, audaz,  
aguça o dente mordaz  
e vem commigo um instante.

Corre pela rua afóra  
desta velha Granja antiga  
e vae pousar na barriga  
d’alguma alma sonhadora.

Deixa porem que a teus pés  
venha prostrar-se o peccado,  
e não te cause cuidado  
a casaca do burguez.

A tua missão sómente  
é pegar pelo nariz  
a um typo vil sem “verniz”  
que anda no meio da gente.

um typo vil que abusando  
deste povo hospitaleiro,  
transformou-se – pasquineiro,  
e anda pasquins rabiscando.

Diz pois a este marmanjo  
que pasquins nos “vales” feitos  
por elle, á mim ‘stão sujeitos  
a legar-lhe um bom “arranjo”;

Que eu sei que elle quem faz  
tudo que é ruim nesta terra,  
mas que elle ladra e berra  
e eu não dou resposta mais.

E accresecenta bem baixinho,  
no ouvindo dessa lêsma,  
que a minha vida é a mesma  
e eu nunca tive um rabinho.

Diz a este meu detractor  
gratuito, esta horrível corça,  
que eu nunca casei a força  
e nem nunca fui jogador.

Que eu nunca joguei na feira  
Até meia noite os dados;  
nem nunca andei com soldados  
(já casado!) em bebedeira;

Que eu sei muita cousa mais  
do que elle tem praticado,  
mas fica escandalizado  
quem ouvir o que elle faz;

Que o seu character maligno  
a tal ponto já desceu,  
que de um rapaz como eu  
de resposta elle é indigno;

Mas como elle faz pasquim  
e passa por “bôa peça”,  
irá tendo esta remessa  
de vez em quando por mim.

Antonio Raulino. (RAULINO, 24 ago. 1894: 3)

O título *Granja* direciona a mensagem, para *toda* a cidade, embora depois restrinja por uma irônica dedicatória. O poema ilustra de forma objetiva o perfil de homem que não se enquadra nas normas estabelecidas de convívio com o autor, bem como o que ele acreditava para o bem-estar social da cidade. Há uma clara concordância com a nova ordem burguesa, que tratava de sanear, com agente modernizantes, as degenerações que apareciam na vida pública granjense. O personagem-motivo do poema não possuía certos cuidados que a distinção social exigida, andava entre os granjenses sem “verniz” e aproveitando-se daquela gente escrevendo pasquins, expressão usada para desqualificar o impresso, que destoava dos jornais daqueles letrados que davam a suas folhas ares de seriedade e faziam delas centro de fermentação intelectual e de relação afetiva (SIRINELLI. 2003: 249).

Para atingir o seu “distrator gratuito”, Antonio Raulino lança mão de uma certa moralidade que sensibilizaria o seu leitor, insinuando que o personagem em questão teria se casado “à força”, contrariando os discursos de amor declarados por eles nos poemas. Além disso, o desafeto fazia jogos de azar e andava a noite - já casado - em bebedeiras, comportamento indesejado para o seio familiar cristão e ambiente público sadio, diferente do modelo de homem honrado e pai de família, festejado nas referências ao amigo Luiz Felipe.

Seja nas demonstrações de aproximação e amizade, seja nas de inimizades, os discursos dos literatos eram imbricados com a defesa da ordem burguesa de civilidade, que moralizavam a cidade, discursos que os próprios cooptavam para suas projeções e ajudavam a propagar naquele final de século XIX em Granja, sertão norte cearense.

### **Considerações finais**

A partir de questionamentos sobre uma simples dedicatória, seguiu-se um rastro que buscava compreender a ligação entre três amigos, onde foi possível perceber aspectos de sociabilidades e sensibilidades veiculados por meio da cultura letrada existente na sertaneja cidade. Encontrou-se resíduos de afetos e exercícios de amizade, materializados em tinta e papel, expondo sentimentos e esforços de eternizar aquelas relações.

“A amizade é a ocasião de fornecer uma representação lisonjeira de si mesmo: ela não pode se subtrair ao olhar de uma boa sociedade sempre em busca de indícios sobre indivíduos que a compõem” (VINCENT-BUFFAULT, 1996: 63). Ao assumir um amigo na vida letrada, as práticas letradas se tornam parte de um processo de construção da imagem pública daqueles intelectuais. Eles se comprometiam com discursos que contribuía para a imagem do outro, colocando suas obras como testemunho e ao fazerem isso estavam também sedimentando suas próprias imagens.

Por fim, levando em consideração as características da imprensa do final do século XIX e começo do XX, que acreditava ter um papel na formação do caráter e da moralidade do povo, evidencia-se aqui a exibição desses discursos como desejos pessoais, de grupos e até de cidade.

## Referências

### Fontes

Álbum de Luiz Felipe de Oliveira, “5 de fevereiro de 1890 - Nunca mais”, 1888 a 1892, manuscrito. Acervo Instituto José Xavier (IJX), Granja, Ceará.

### Bibliográficas

BARRETO, Lívio. *Dolentes*. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. LIMA, Jorge Luiz Ferreira. História, imprensa e redes de comunicação. *História e Perspectivas*, Uberlândia (39): 37-57, jul. dez. 2008. Disponível em <<https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/19188/103262>>. Acesso em 08 jan. 2022.

CARDOSO, Gleudson. Passos. *Práticas letradas e a construção do mito civilizador: “Luzes”, seca e abolicionismo em Fortaleza (1873-1904)*. Fortaleza: Museu do Ceará/SECULT, 2016.

CHARTIER, Roger. *Inscrever e apagar – cultura, escrita e literatura*. São Paulo: UNESP, 2007.

CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana 1890- 1915*. São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2013.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Eu te dedico: História, Educação e Sensibilidades nas dedicatórias de livros de um professor catarinense (1940-1980). *Revista História da Educação* (Online), v. 24, p. 1-24, 2020. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/97920>>. Acesso em: 25 jan. 2022.

ELEIÇÕES, *O Rebate*, Sobral, ano 6, n. 5, 18 mai. 1912. p. 2.

EXPLICAÇÃO, *O Batel*, Granja, ano 1, n. 2, 24 jan. 1892. p. 2.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: \_\_\_\_\_. (org.) *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 7- 24.

IONTA, Marilda Aparecida. *As cores da amizade na escrita epistolar de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade*. 2004. Tese (Doutorado em História). Departamento de História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

LINS, Guilherme. *A Luz*, Granja, ano 1, n. 6, 24 jan.1892. Chroniqueta, p. 2-3.

LUSTOSA. Isabel. *Insultos Impressos: a guerra dos jornalistas na Independência (1821-1823)*.

São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MORGA, Antonio Emilio. Masculinidade em Nossa Senhora do Desterro e Manaós: territórios e ardis. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Org.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 213 - 244.

ORTEGA, Francisco. *Genealogias da amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

PESAVENTO, S. J. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique. (Org.). *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

RAULINO, Antônio. O Choro do Olavo. *A Reforma*, Granja, ano 1, n. 2, 20 mai. 1894, p. 2.

\_\_\_\_\_. Granja. *A República*, Fortaleza, ano. 3, n 192, 24 ago. 1894. p. 3.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Masculinidade e virilidade entre a Belle Époque e a República. In: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Marcia (Org.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 245 - 266.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SIRINELLI, J. F. Intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por Uma História Política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231 -270.

STUART, Barão de. *Para a História do Jornalismo Cearense*. Fortaleza: typ. Moderna, 1924.

VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Da Amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

*Artigo submetido em: 05/11/2021*

*Aprovado em: 10/12/2021*